

D. CAMALEÃO

Boa Parte III

O mistério da bengala desaparecida



D. CAMALEÃO

Boa Parte III

O mistério da bengala desaparecida

TÍTULO

D. Camaleão Boa Parte III

O mistério da bengala desaparecida

TEXTO

© Fernanda Faleiro

ILUSTRAÇÕES

© Andreia Café

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

© Alfarroba

REVISÃO E EDIÇÃO

Alfarroba

DESIGN E PAGINAÇÃO

Catarina Amaro da Costa | Alfarroba

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Portugal

ISBN

978-989-9068-51-3

DEPÓSITO LEGAL

503 054/22

1.ª EDIÇÃO, SETEMBRO 2022

UMA EDIÇÃO DA ALFARROBA

© setembro 2022, Alfarroba

2890-028 Alcochete | telefone: 210 998 223

e-mail: geral@alfarroba.com.pt



www.alfarroba.com.pt

PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA OBRA SEM A PRÉVIA AUTORIZAÇÃO DA EDITORA.

Texto de
Fernanda Faleiro
Ilustrações de
Andreia Café

Caro Leitor,

No final do livro existem dois momentos explicativos:

1. GLOSSÁRIO, no qual poderás consultar o significado de algumas palavras que não conheças;
2. CLASSIFICAÇÃO CIENTÍFICA, onde poderás consultar os nomes verdadeiros e a classificação científica dos protagonistas da história.

Desejo-te momentos muitos felizes na companhia desta história que escrevi a pensar em ti.

Um abraço carinhoso,

Fernanda Faleiro

Era uma vez um pacífico reino numa floresta encantada, onde desavenças e disputas territoriais não existiam. Os habitantes, das mais diversas espécies, respeitavam o lugar que ocupavam na hierarquia do reino e admiravam o seu soberano, que defendia a paz com toda a garra, não fosse ele o grande Leónidas, o mais imponente macho da família dos felinos.

Ora, nessa região, bafejada pela felicidade e pela paz, vivia um lindo e majestoso camaleão, que se dava pelo nome de Anatólio Camaleão Boa Parte, o Terceiro. Herdeiro de uma longa linhagem de nobres e sábios da corte, não consentia que o tratassem pelo nome próprio, apenas pelo nome de família, como mandavam as normas da etiqueta, o que lhe agradava particularmente, porque segundo o mesmo conferia-lhe um ar ainda mais distinto e reforçava a sua descendência nobre. Só o soberano do reino o tratava com essa familiaridade e só ele sabia que por debaixo daquela aparência se escondia um verdadeiro pinga-amor.

Este orgulhoso representante da família Boa Parte considerava-se um bom partido e achava que qualquer fêmea que se prezasse o queria desposar. Então, não era ele o elegante, esbelto e gracioso pretendente mais cobiçado do reino? Ah, pois era! Além de todos os seus atributos físicos, tinha ainda um olhar penetrante e inteligente, era fluente em vários idiomas e vestia-se sempre a rigor, de acordo com a ocasião; exemplar dançarino, fazia constantemente o agrado das donzelas.

Ora, por ocasião da festa anual do reino, onde a famosa banda Jabuti atuava e o célebre concurso internacional de *breakdance* acontecia, D. Camaleão Boa Parte III apresentou-se com um fato todo janota cor de avelã e cartola a condizer; para se dar ainda mais ares, numa das patas exibia orgulhosamente a bengala de estimação, que o acompanhava em todos os eventos importantes do reino. Era uma bengala de madeira que terminava com uma cabeça em formato de leão, herdada do seu avô D. Camaleão Boa Parte, o Primeiro, o digníssimo, o grande filósofo e conselheiro do Rei Salomão II, avô do atual

monarca, o qual lha tinha oferecido como reconhecimento pelos seus serviços. Uma bengala com punho em cabeça de leão, em homenagem ao próprio!







O BAILE DAS TARTARUGAS



festejo começa com a habitual dança de abertura, onde o rei, com a sua enorme juba, sacode a cabeça ao som dos batuques das carapaças das tartarugas e emite um rugido sonoro, mostrando assim quem manda naquele reino: Ruaaaaarrrr... Só depois de terminada tal demonstração de força e poder, é que os restantes animais se juntam ao soberano e dançam de forma livre ao som da música e das vozes dos animais cantantes. Desde araras a chimpanzés, de rouxinóis a ratos e grilos, todos fazem uso do seu dom vocal, ficando o acompanhamento musical a cargo das tartarugas.

A banda Jabuti, famosa e assídua nestes acontecimentos do reino, era constituída por tartarugas terrestres, algumas com mais de oitenta anos... Mas, que os animais daquele reino não se deixassem enganar, de velhinhas aquelas tartarugas não tinham nada!

Com uma estrutura maciça e robusta, trajavam fatos exuberantes de um tom preto fosco, manchados a vermelho fogo e amarelo intenso e das carapaças, adornadas nos mesmos tons, sobressaíam umas cabeças relativamente pequenas, nas quais uns olhos grandes e curiosos espreitavam.

Era um visual que mais parecia o de um grupo de *rock*; com uma presença muito forte em palco, mostravam bem a sua vitalidade ao batucarem com vigor as robustas patas nas sublimes e versáteis carapaças, que exibiam orgulhosamente, para inveja de muitos.

A bem da verdade, aquelas coberturas duras e arqueadas, embelezadas com um padrão de polígonos em relevo, causavam grande admiração nos animais do reino. Além da beleza visível, tanto podiam funcionar como caixas musicais ou caixas protetoras, servindo de esconderijo, principalmente

para os animais que não sabiam lutar, como era o caso das tartarugas. Apesar de excelentes artistas, estes répteis não se sabiam defender e por isso tinham desenvolvido uma estratégia de sobrevivência: fingiam-se de mortos quando se sentiam ameaçados, recolhendo as patas e a cabeça, levando assim os animais atacantes a desistirem por pensarem se tratar apenas de uma casca dura e inanimada. Era um truque que revelava astúcia e que, na maioria das vezes, resultava muito bem.

Desde que havia memória, estes animais simpáticos e populares eram os responsáveis pela animação musical das festas do reino, executando com brio os próprios arranjos. Os seus antepassados tinham inaugurado o primeiro de todos os bailes, concebendo para o efeito uma música só com instrumentos de percussão, a qual tinha ficado famosa e passado a servir como melodia inaugural daquelas celebrações anuais; desde então que os animais da floresta tinham passado a chamá-los «Baile das Tartarugas», como homenagem a tão magníficos músicos.

Muito desejado pelos habitantes da floresta, este acontecimento anual era já uma tradição muito antiga e que, segundo os anciões, permitia atrair a boa sorte para todos os que nela participassem. Bastava apenas deixar o corpo enlevar-se ao som daquele ritmo e dançar, dançar, dançar... e de todas as angústias se libertar.

D. Camaleão não fica atrás dos restantes súbditos do reino... Com a sua esbelta figura, inicia movimentos lentos, mas coordenados, e demonstra, mais uma vez, que a elegância dos Boa Parte é um atributo hereditário. Enquanto se concentra nos batuques, olha em redor, com os seus olhos de réptil a alcançarem um ângulo de 360 graus; inclina um para a direita, enquanto o outro roda para a esquerda. Não queria perder um único pormenor daquele momento!

Percebendo que tudo estava tranquilo, aproximou-se dos músicos, pois guardava um segredo: os seus ouvidos eram fracos e precisava estar perto da música para sentir as vibrações.

Bem próximo do palco, o som enche-lhe a alma e o seu tom

avelã começa a ficar esverdeado e alaranjado: eram os tons da felicidade! Apoia a estimada bengala na zona lateral do palco, pois pretende deixar o ritmo invadir o seu ser e libertá-lo ao som cadenciado da melodia que ecoava pela floresta.

De repente, os seus olhos deparam-se com uma silhueta magnífica e nunca antes vista por aquelas paragens. O corpo, entorpecido pela visão inesperada, deixa de obedecer aos sons ritmados e para! Sujeito aos encontrões e empurrões dos restantes dançarinos, D. Camaleão Boa Parte III acorda do estado de dormência momentânea em que se encontrava e dirige-se para a formosa criatura com o intuito de com ela travar conhecimento.